

A Vida Fraternal como Missão

Uma reflexão a partir da encíclica “Fratelli Tutti”

Roma, 20 de outubro de 2020

Caríssimos confrades,

No domingo, dia 04 de outubro, o Papa Francisco nos enviou a Carta Encíclica “**Fratelli Tutti**”, sobre a fraternidade e a amizade social, e nos convidou a sonhar “*como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos!*” (cfr. FT n. 8)

Um sonho que, em tantíssimas ocasiões, também o nosso Fundador expressou. Recordo um escrito seu, no qual invoca, para si mesmo e para nós, o dom de um “coração” que se transforma num altar de sacrifício ao consumir-se para oferecer ao Senhor os “Irmãos todos” (“Fratelli tutti”). Eis o texto: “*O nosso coração deve ser um altar onde continuamente e inextinguivelmente arda e resplandeça este fogo: o sagrado fogo do amor de Deus e dos homens; um altar onde uma chama dirija-se para o Senhor, apontando e levando a Ele os irmãos: os irmãos todos, de qualquer nacionalidade, de qualquer religião, e também os sem religião, dando preferência aos mais necessitados, aos mais abandonados, aos mais sofredores, aos sem fé, aos sem honestidade, aos mais depravados, aos rejeitados por todos!*” (Scr. 55, 334).

É uma oração mística, plena de concretude, mais que um pensamento, segundo o estilo da “substituição vicária” que leva Dom Orione não somente a recordar a Deus as necessidades da humanidade, mas a consumir-se de amor diante d’Ele para alcançar o dom da salvação dos irmãos. Deste modo, ele confirma mais uma vez: “*Que o meu secreto martírio pela salvação das almas, de todas as almas, seja o meu paraíso e a minha suprema beatitude!*”

Por devoção ao Santo Padre, mas também porque reconheceu quanto a mensagem sobre a fraternidade estava no coração do nosso Fundador, a Família Carismática Orionita acolheu com alegria, numa ideal “Festa do Papa e com o Papa”, a divulgação da nova Encíclica e realizou diversas iniciativas para dar destaque à divulgação do Documento nas comunidades, nas paróquias e nas obras. Nisto, as restrições da pandemia não inibiram a criatividade dos religiosos, irmãs e leigos de Dom Orione. O nosso site (donorione.org) e aquele das irmãs (suoredonorione.org) nos deram notícias.

Agora, passada a festa do anúncio, e também – devo dizer – passada aquela pressa em divulgar antecipadamente o texto, com o risco, superada a novidade, de deixá-lo no esquecimento, chegou o momento mais importante: conhecer e tornar conhecida a mensagem e, sobretudo, tomar as iniciativas para responder ao apelo e aos desejos do Papa.

Toda a criatividade apresentada para a festa de acolhida deve ser ainda mais forte e mais audaciosa para colocar em prática o que nos pede o IV Voto de Fidelidade ao Papa, que segundo as nossas Constituições (cfr. Art. 48), nos compromete no esforço constante nas seguintes direções: “- *conhecimento e difusão dos documentos pontifícios; - obra de comunhão dentro e fora da Igreja, trabalhando para ser fermento de unidade; - serviço preferencial aos pobres, dos quais, em nome do Papa e em fidelidade a ele, difundiremos os direitos e as instâncias.*”

Uma Encíclica destinada a nós, Religiosos!

Em verdade é destinada a todos os fiéis e, em particular, pela sua temática sobre a fraternidade e a amizade social, tem um destino ainda mais amplo e universal. Inspirada em São Francisco, o Papa se dirige “a todos os irmãos e irmãs... para propor-lhes uma forma de vida com o sabor do Evangelho” (FT 1). E adverte: “Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e me nutrem, procurei fazê-lo de modo que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade.” (FT 6)

Propriamente por esta sua “destinação universal”, há o risco, para nós religiosos, de acolhê-la de um modo genérico, vago, quase superficial, como se o Papa falasse aos outros e não a nós, não a mim, não às nossas comunidades religiosas. Como se se dirigisse, com a sua proposta de “fraternidade” e de “amizade social”, aos irmãos muçulmanos, às nações em guerra, talvez aos povos em conflito, a quem não está disponível ao acolhimento dos migrantes, aos próprios migrantes e aos governantes, aos irmãos separados ou às famílias em dificuldade, etc. Sem dúvida, a um universo importante, porém, de algum modo, nos faz pensar: “aos outros” e não a mim, não a nós, é dirigida a Encíclica!

Para nós, especialistas em pastoral, há ainda o risco de acolher a mensagem pontificia predominantemente como um subsídio ou um instrumento para o nosso trabalho sacerdotal e para o apostolado. E, então, considerar a Encíclica como importante para qualificar a nossa atividade no âmbito ecumênico, para alguma inspiração na homilia, para enriquecer os nossos subsídios de formação, para motivar o nosso compromisso na promoção do diálogo e da fraternidade em geral. Sem dúvida, coisas importantes, mas se for somente assim, nos colocamos em cima do púlpito para dar lições aos outros. A Encíclica torna-se um instrumento... para os outros e não para mim, não para nós!

Nos tempos hodiernos – infelizmente – há o risco de qualificar redutivamente a Encíclica (política, comunista (!)...) e, movidos por preconceitos, não ter aquele espírito livre para acolher uma mensagem cristã fundamental para o contexto no qual vivemos. Portanto, também aqui, o risco... pode ser para os outros, mas não pra mim, não pra nós!

Para compreender quanto uma atitude distraída ou desatenta da Encíclica é um grave erro, bastaria recordar as seguintes palavras do Fundador: “*O propósito principal da nossa Congregação é viver de amor ao Papa, e difundir, especialmente entre os pequenos, os últimos, o povo, o mais doce amor ao Papa, e a obediência plena e filial à sua palavra, aos seus desejos*”. E especifica ainda mais: “*A nossa submissão ao Papa não se restringe, porém, às definições ex cathedra: não se restringe a uma submissão sincera aos seus ensinamentos sobre qualquer forma dada (...); não se restringe a segui-lo prontamente e com alegria ou a seguir suas ordens; mas os Filhos da Divina Providência devem ter por lei viver somente e fazer viver as almas, de uma vida de união estreitíssima e dulcíssima e filial com o Vigário de Jesus Cristo na terra: onde cada expressão, cada conselho, cada desejo do Papa deve ser um comando, e o mais doce comando, para nós.*” (05/01/1928).

Contra o “para os outros; não para mim”, Dom Orione nos diz ainda: “*Façamos um grande e doce compromisso de praticar também as mínimas recomendações do Papa.*”

Em síntese, para nós, Orionitas, as coisas estão assim: é um dever carismático investir a nossa criatividade e paixão eclesial para conhecer e divulgar a Encíclica “*Fratelli Tutti*” e para propor, como quer o Papa Francisco, “*um novo sonho de fraternidade e de amizade social que não se limite às palavras*” (FT 6). Tal responsabilidade, porém, não pode ser realizado somente com uma ação de comunicação e de publicidade. Para ser crível, a mensagem requer o nosso testemunho de vida: “*Vox oris sonat, vox operis tonat! A palavra ressoa, os exemplos retumbam! As palavras movem, os exemplos arrastam!*” (Don Orione, 1923).

As sombras de um mundo fechado

Li uma vez a história de um rabino que fez uma pergunta aos seus discípulos: *Quando a noite termina?* Queria fazê-los refletir sobre qual é o momento no qual a noite acaba e o dia começa. Dado que não chegavam às respostas satisfatórias, o mestre prosseguiu: *A noite termina quando, olhando o rosto de uma pessoa qualquer, tu reconheces nela um irmão. Até aquele momento é ainda noite no teu coração!*

A Encíclica “Fratelli Tutti” parte desta visão, *da noite que existe no coração da humanidade*. É o conteúdo do primeiro capítulo (nn. 9-55) no qual o Papa Francisco diz não ter a pretensão de propor “*uma análise exaustiva*” sobre as sombras no campo da fraternidade e tampouco de “*considerar todos os aspectos da realidade em que vivemos*”. Ele quis sublinhar somente “*algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal*”. Assim, nos deixa o espaço para “completar” e personalizar a análise feita com um exame de consciência pessoal e comunitário sobre a nossa vida de fraternidade e assim detectar as sombras, descobrir as feridas e individualizar, com a ajuda da “Fratelli Tutti”, os caminhos de cura e esperança. Deste modo a Encíclica pode falar “a mim, a nós, às nossas comunidades”.

Na recente pesquisa em preparação ao próximo Capítulo Geral, uma das perguntas nos provocava a refletir sobre as dinâmicas frágeis presentes na Congregação. Uma maioria bem expressiva sublinhou que estamos carentes no testemunho comunitário e fraterno, dado que temos “*comunidades frágeis, pouco espirituais, com recursos escassos para gerir os conflitos*”. Nos comentários espontâneos, um bom número evidenciou quanto nos falta o diálogo fraterno, a amizade (“*as conversas entre nós tornaram-se institucionais*”); alguém disse até que entre os religiosos “*falta também a caridade*”. E outros: parece que estamos perdendo o sentido de ser uma família, no modo como queria o nosso Pai. Como se vê, infelizmente também nós temos os nossos “*Sonhos que vão se quebrando*” (FT 10-12).

Este dado, mesmo não tendo um rigor científico, poderia indicar, infelizmente, que, nos últimos anos, não conseguimos alcançar resultados significativos na nossa vivência fraterna. De fato, a pesquisa de 2015, precedente ao último Capítulo, colocou em destaque a mesma problemática quando abordou a qualidade de vida das comunidades orionitas. Naquela ocasião, o coordenador da pesquisa, na sua síntese, colocou em confronto dois resultados dissonantes, isto é, o fato que 53% dos participantes avaliaram que as comunidades orionitas eram “Muito” e “Bastante” direcionadas ao “espírito de família” (portanto, um juízo positivo), enquanto um percentual semelhante (52,8%) avaliou, negativamente, que as comunidades orionitas eram “Pouco” ou “Nada”, “comunidades de vida fraterna”. A interpretação do Coordenador para esta dissonância na mesma pergunta foi esta: “*Poder-se-ia dizer que o espírito de família não se traduz no relacionamento e na vida fraterna ou que a comunidade marcada pelo espírito de família não consegue se exprimir nas relações fraternas*”. Daí pode surgir a suspeita que o nosso “espírito de família” seja mais uma marca congregacional forte, transmitida pelo Fundador, potente somente para comunicação, mas não *traduzido* quotidianamente em atitudes vitais de fraternidade.

Num tempo no qual se fala dos efeitos do Coronavírus, parece que um outro vírus, ataca o sistema comunitário e fraterno e manifesta os seus sintomas nas nossas casas, comunidades e ambientes de vida. Este vírus teria o poder, particularmente, de arruinar as relações entre nós, tornando-os “estranhos amores fraternos”, aqueles em que estamos fisicamente um ao lado do outro, mas afetivamente, distantes; mora-se juntos e não se consegue imaginar que, às vezes, o confrade da porta ao lado tem necessidade de uma mínima abertura, de um sorriso, de um pouco de tempo, para entregar-se, confiantemente.

Este vírus teria o risco gravíssimo de contagiar também "o serviço da autoridade e da obediência" de modo a condicionar a visão que alguns poderiam ter do "superior" e não senti-lo mais como um "pai" ou "irmão mais velho", disponível e "à disposição", chamado a exercitar "a tarefa de ser sinal de unidade e guia na busca comum e no cumprimento pessoal e comunitário da vontade de Deus (cfr. *Faciem Tuam*, 1). Provavelmente, a contribuir para uma imagem "dura" do "superior" seja ele mesmo, apresentando-se como "uma autoridade" auto-referencial, quase exclusivamente disciplinar e sem as qualidades de escuta e de partilha. Estou certo que, para algum confrade, faltou, da parte do Superior, uma atitude de atenção não convencional, que desarma, inesperada, no estilo do abraço eternizado na Parábola do Filho Pródigo; nestes casos, preferiu-se agir com o rigor da disciplina, da "cara amarrada", ao invés de um desarmante gesto de acolhida, que pode gerar conversão e obter resultados muito mais satisfatórios.

Não é fácil reconhecer, mas em algumas situações da nossa vida, parece faltar também uma qualidade basilar do cristão maduro, ou seja, o exercício do perdão e da reconciliação entre nós, da superação dos conflitos, também pessoais, com o diálogo que evita a ruptura das relações, da correção fraterna, feita com justiça e caridade ou como diria Dom Orione, "feita como pede o Evangelho: *“entre você e ele somente”*, que completa: *“Quando não se pode falar bem de alguém, fique em silêncio”* (14/07/1939).

Estas situações são muito graves e não fazem parte - Graças a Deus! – do agir da grande maioria dos confrades e das comunidades. Devemos somente, talvez, estar mais atentos à algumas outras situações menos graves, que acabam fragilizando, progressivamente, a intensidade das nossas relações de fraternidade.

Enquanto a tecnologia nos une sempre mais aos outros, há o risco de isolar-nos sempre mais nos vídeos e mensagens dos nossos dispositivos eletrônicos. E assim, passar o dia conectado com um mundo virtual, com os "amigos" das redes sociais, talvez também durante o almoço (!) ou em outros eventos que exigiriam a minha "total" presença. Além disso, é preciso estar atentos ao fato de que é muito forte, hoje, a tentação de organizar os próprios espaços de vida, prescindindo dos espaços e tempos comunitários (cozinha, sala de lazer, horário...) e de uma ajuda solidária ao irmão sobrecarregado de trabalho e de responsabilidade. Tentações assim podem ser superadas com uma disponibilidade colaborativa da qual Irmã Maria Plautilla é para nós um exemplo. Faz bem recordá-la: *“Somos somente duas irmãs no pavilhão, o trabalho não nos falta, mas nos damos tão bem que uma procura ajuda a outra. Quando existe a caridade, como se está bem”*. (15/12/1945).

Nós somos chamados a dar testemunho da caridade, da "fraternidade vivida" em comunidade. Uma fraternidade feita de acolhida, de respeito, de ajuda recíproca, de compreensão, de cortesia, de perdão e de alegria. E isto, nas pequenas coisas quotidianas, mas também nas situações mais elevadas, como por exemplo, na convivência com os irmãos de diversas etnias e nacionalidades. A fraternidade vivida entre nós, particularmente nestas circunstâncias, é carismática porque abre os nossos corações à fraternidade para com todos, a ter um "Coração sem fronteiras!".

Acredito que a Encíclica possa ser uma ajuda para o relançamento do primado das relações fraternas. Como nos ensinou o Papa, as sombras não devem ser ignoradas, mas enfrentadas, na certeza que temos tantos motivos de esperança e de alegria. É importante falar claro entre nós, identificando e combatendo as fragilidades e fraquezas da nossa vida, tomando as decisões em comunidade, para nos ajudar a caminhar juntos, na esperança (cfr. FT 54-55). É deste modo que a "Fratelli Tutti" falará a *mim, a nós, às nossas comunidades*. Neste exercício está em jogo a credibilidade da nossa palavra e do nosso testemunho enquanto consagrados, para evitar aquele juízo severo: *“Quanto vos disserem, façam e observem, mas não façam segundo as obras deles, porque dizem mais não fazem.”* (Mt 23, 3s).

A vida fraterna como missão

Pelo estilo de vida que escolhemos, somos chamados a nos confrontar, constantemente, com o mandamento novo, o mandamento que renova todas as coisas: *“Amai-vos como eu vos amei”* (Jo 15,12). Acontece porém que, em algumas circunstâncias, o "dever fazer comunidade" ou as exigências da "vida fraterna em comum" possam ser sentidas como um peso, talvez também como uma perda de tempo, diante das outras prioridades do nosso apostolado.

Duas Instruções da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada nos vêm, então, em ajuda. A Instrução *“Faciem Tuam”* de 2008 (cfr. §22) nos recorda que *“o tempo dedicado para melhorar a qualidade da vida fraterna não é tempo perdido, dado que, toda a fecundidade da vida religiosa depende da qualidade da vida fraterna.”* Então, o esforço para viver bem é parte integrante da missão, desde o momento que *“a comunhão fraterna, enquanto tal, é já apostolado”*. O próprio Senhor disse: *“Nisto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amais uns aos outros”*. (Jo 13,35).

A outra Instrução, intitulada *“A Vida Fraternal em Comunidade”*, que também é de 1994, mas que não perdeu a sua importância, sobretudo pelo modo claro e didático com o qual trata o tema, é ainda mais incisiva e torna-se agora atual no contexto da acolhida da *“Fratelli Tutti”*. Vale a pena colocar em destaque, sem comentários, o nº 56 da Instrução:

“A comunidade religiosa, consciente das suas responsabilidades nos confrontos da grande fraternidade que é a Igreja, torna-se também sinal da possibilidade de viver a fraternidade cristã, como pelo preço que é necessário pagar pela construção de cada forma de vida fraterna.

Além disso entre as diferentes sociedades do nosso planeta, marcadas por paixões e interesses contrastantes que as dividem, desejosas de unidade mas incertas sobre o caminho a tomar, a presença de comunidade onde se encontram como irmãos pessoas de diferentes idades, línguas e culturas, e que permanecem unidas apesar dos inevitáveis conflitos e dificuldades que uma vida em comum comporta, é já um sinal que atesta algo mais elevado que faz olhar mais para o alto.

As comunidades religiosas, que anunciam com a própria vida a alegria e o valor humano e sobrenatural da fraternidade cristã, dizem à nossa sociedade com a eloquência dos fatos a força transformadora da Boa Notícia.”

Como o bom samaritano, com o óleo do afeto fraterno

É quase centenária uma palavra que Dom Orione pronunciou aos clérigos e aos sacerdotes da Casa Mãe, reunidos na Capela, no dia 8 de outubro de 1923: *“É para mim muito caro hoje falar da caridade fraterna e desejo ir ao prático.”*

A sua praticidade parte de uma situação de vida: *“Quando se assistem os moribundos, e especialmente os pais de família que devem deixar os filhos, quais são as recomendações mais insistentes e amáveis que estes fazem? «Amai-vos, não brigueis por coisas materiais, ajudai-vos, sejais todos por um e um por todos.» E quando surgem entre irmãos questões, há sempre quem aparece recordando as palavras dos velhos pais moribundos que recomendavam a união, e sugere: façamos por amor aos nossos pais, por amor do papai e da mamãe... Ora, se isto se faz nas famílias, com maior razão devemos fazer nós.”*

O compromisso de viver a “Fratelli Tutti” o realizamos também em memória dos desejos, dos sonhos e das palavras do nosso Pai, para o qual a sua tristeza maior é, seguramente, não ver os filhos em plena comunhão. Portanto, nosso compromisso de fraternidade é também por amor a ele, que devemos vivê-lo como uma missão carismática, em vista de dar testemunho ao mundo que é possível o sonho de uma sociedade mais fraterna, como prospectou o Papa na Encíclica.

Para realizá-lo, eis alguns pontos de atenção, caminhos e dinamismos a considerar, que recolho da “Fratelli Tutti” e das palavras do Pai Fundador:

- **Se é verdade que somos “Fratelli Tutti” (Irmãos Todos), somos também “Fragili Tutti” (Frágeis Todos):** o dom da fraternidade e da amizade deve ser pedido ao Senhor porque “sem ele não podemos fazer nada”; sem a ajuda que vem do Senhor, da nossa relação com Deus, prevalece a nossa fragilidade e pode tornar-se menor a nossa fraternidade. Por isso, *“com a oração podemos tudo; sem oração não podemos nada. É com a oração que se fazem as coisas”*. Diz Dom Orione em um texto tirado do artigo 66 das nossas Constituições, seguramente pensando na oração pessoal, na oração comunitária, na oração litúrgica com os fiéis.

- **“Como o bom samaritano, com o óleo do afeto fraterno”:** é uma palavra de Dom Orione que se relaciona com uma parte importante da Encíclica, aquela na qual o Papa faz uma *lectio divina* da Parábola do Bom Samaritano. Se a fraternidade é um dom a ser pedido ao Senhor, ela é também um projeto a ser realizado com as atitudes da proximidade, de iniciativas, de compreensão, de ajuda recíproca, de partilha e de reconciliação.

- **Temos necessidade de uma comunidade que nos sustente!:** Deixo a palavra ao Papa e vos peço, no espírito desta minha carta, de acolhê-la como uma referência específica para os princípios da nossa consagração: *«Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente. Precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! Sozinho corre-se o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é junto que se constroem os sonhos.»* (FT 8). Estas palavras nos fazem pensar em um lamento de Dom Orione: *“...falas-me dos córregos de água e das máquinas, etc. mas que me importa, oh filhinho meu, tudo isto, se entre vós não há a união e a caridade, e quem foi para um lado e quem queira andar para um outro?”* (1916)

- **Recuperar a gentileza!** Poderia valer também para nós, para os nossos encontros fraternos, para enfrentar as grandes e difíceis problemáticas, a valorização de um gesto tão simples e ao mesmo tempo muito eficaz: a gentileza. De fato, diz o Papa, esta *“é uma libertação da crueldade que às vezes penetra as relações humanas, é uma libertação da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, é uma libertação da urgência distraída que ignora que os outros também têm o direito de ser felizes. Hoje raramente se encontram tempo e energia disponíveis para tratar bem os outros, para dizer «com licença», «desculpe», «obrigado».*” Cada um de nós pode ser um religioso assim: *“gentil, que coloca de lado as suas preocupações e as suas urgências para prestar atenção, para oferecer um sorriso, dizer uma palavra de estímulo, possibilitar um espaço de escuta no meio de tanta indiferença.”* (FT 224). E o nosso Santo completa: *“A caridade encontra a sua felicidade em espalhar e irradiar em torno de si a bondade, a suavidade, a gentileza: uma coisa deseja:*

imolar-se a si mesma para fazer a felicidade e a salvação dos outros para a glória de Deus.” (1934).

- **A arte do encontro e do diálogo:** A única vez, na Encíclica, que o Papa Francisco usa a palavra "cisma" é para definir a distância entre o indivíduo e a comunidade humana (cfr. FT 31). Todavia, parece a palavra correta para interpretar tantas outras situações que nós vivemos e que exigiriam inversão de rumo: do cisma à união, da ruptura à recomposição, da separação ao encontro, do refutar o outro à escuta empática e ao diálogo assertivo. O texto pontifício é cheio de referências que valorizam estes compromissos: *“A capacidade de sentar-se para escutar o outro, característica de um encontro humano, é um paradigma de atitude receptiva, de quem supera o narcisismo e acolhe o outro, presta-lhe atenção, dá-lhe um lugar no círculo.”* (FT 48); *“Ao desaparecerem o silêncio e a escuta, transformando-se tudo em cliques e mensagens rápidas e ansiosas, colocou-se em perigo a estrutura básica de uma comunicação humana sábia.”* (FT 49); *“Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato; tudo isso se resume no verbo 'dialogar'. Para nos encontrarmos e ajudarmos mutuamente, precisamos dialogar.”* (FT 198).

Tudo isso, além de ser um discurso maravilhoso e de inspiração eclesial e religiosa, devemos senti-lo como um apelo para uma conversão verdadeira e assim resgatar os valores fundamentais da nossa consagração, isto é, estar sempre perto de Deus, fecundar o nosso carisma e criar uma verdadeira fraternidade entre nós. Como Dom Orione amava repetir: *“A caridade tem fome de ação: é uma atividade que tem sabor de eterno e de divino. A caridade não pode ser ociosa.”* Por isso: *Ave Maria e avante!*

Fraternalmente,

P. Tarcisio Vieira
Diretorgeral